**Patrícia Regina
Schuster**

Universidade de Santa
Cruz do Sul, Rio Grande
do Sul, RS, Brasil.

[https://orcid.org/0000-
0002-2119-6220](https://orcid.org/0000-0002-2119-6220)

**Temas sindicais no
jornalismo de *Veja*: entre
ditos e silenciados**

**Trade union topics in the
journalism of *Veja*:
between what was said
and what was silenced**

**Temas de los sindicatos en
Periodismo del *Veja*: Entre
Dichos y silenciados**

RESUMO

Neste artigo expusemos parte da reflexão feita durante a tese de Doutorado. Aqui, nosso objetivo é apresentar como a revista *Veja* discursiviza o sindicalismo. Sob a influência teórica da Análise de Discurso, de vertente francesa, analisamos 24 textos da publicação, veiculados durante julho de 2006 e julho de 2014. A imersão analítica nestas reportagens evidencia quais são os atravessamentos ideológicos que permeiam a fala do veículo ao noticiar questões vinculadas tanto às ações quanto aos atores oriundos do meio sindical. O mapeamento dos sentidos indica que eles se filiam a sete Famílias Parafrásticas, que, por sua vez, associam-se a outras duas Formações Discursivas. Entre ditos e silenciados, percebemos que sobram estigmas para o movimento sindical brasileiro. A lógica discursiva adotada, em sua maioria, é a da sua desqualificação. Há, porém, uma única forma - residual - de atuação sindical consentida no discurso da revista: aquela que é menos combativa, mais maleável.

Palavras-chave: Jornalismo. Revista *Veja*. Silêncios. Sindicalismo.

ABSTRACT

In this article, we present part of the reflection made during the doctoral thesis. Here, our objective is to present how *Veja* magazine discursivizes trade unionism. Under the theoretical influence of Discourse Analysis, French strand, we analyzed 24 texts published during July 2006 and July 2014. The analytical immersion in these reports shows the ideological crossings that permeate the vehicle's speech when reporting issues related to the actions and actors coming from trade union backgrounds. The mapping of the senses indicates that they are affiliated to seven Paraphrastic Families, which, in turn, associate with two other Discursive Formations. Between what was said and what was silenced, there are many stigmas regarding the Brazilian trade union movement. The discursive logic mostly adopted is its disqualification. There is, however, only one form - residual - of trade union activity allowed in the discourse of the magazine: that which is less combative, more malleable.

Keywords: Journalism. *Veja* Magazine. Silences. Trade Unionism.

RESUMEN

En este artículo hemos expuesto parte de la reflexión hecha durante la tesis doctoral. Aquí, nuestro objetivo es presentar la manera en la revista *Veja* se habla de sindicalismo. Bajo la influencia teórica del análisis del discurso con el lado francés, analizamos 24 textos publicados, transmitidos durante julio de 2006 y julio de 2014. La inmersión analítica en estos informes muestra cuáles son los pasos ideológicos que impregnan el discurso del vehículo en la cobertura de cuestiones relacionadas tanto las acciones y los actores procedentes de medios de unión. El mapeo del sentidos indican de que están afiliados con siete familias Parafrásticas, las cuales, a su vez, se asocian con otras dos formaciones discursivas. Entre los dichos y silenciados, nos damos cuenta de que hay muchos estigmas para el movimiento sindical brasileño. La lógica discursiva adoptada, en la mayoría de los casos es su descalificación. Pero hay una sola manera - residual - de la actividad de unión en el discurso de la revista: una que es menos combativo, más maleable.

Palabras clave: Periodismo. Revista *Veja*. Silencios. El sindicalismo.

Submissão: 3-7-2017

Decisão editorial: 7-8-2020

1. Introdução

Este artigo é fruto de uma discussão ampliada, realizada durante a tese de Doutorado. Aqui, nosso intuito é trazer parte dos resultados que obtivemos com essa pesquisa.

Concentramos esforços no discurso da revista *Veja*¹, da editora Abril², um dos mais importantes veículos de comunicação do país. Verificamos, a partir do exame de 24 reportagens, veiculadas entre ju-

¹ A revista *Veja* circulou pela primeira vez no dia 11 de setembro de 1968. Criada nos moldes de revistas de prestígio internacional, como a norte-americana *Newsweek*, a italiana *Epoca* e a alemã *Der Spiegel*, *Veja* segue padrões editoriais de *Time*, uma das mais expressivas do mundo. “Fisicamente”, ela se identifica pelo investimento em larga escala de fotografias, ilustrações, entre outros recursos iconográficos, e por reportagens – sobre temas nacionais e globais – desenvolvidos em profundidade. Trata-se, incontavelmente, da revista dona de uma das biografias mais polêmicas da história midiática nacional. Em 1992, por exemplo, ela publicou uma entrevista com o irmão do então presidente Fernando Collor de Mello, em que ele fez revelações de possíveis desvios de dinheiro público encabeçadas por Collor e Paulo César Farias, seu tesoureiro de campanha. Fora o estopim de uma série de denúncias que culminaram no primeiro processo de *impeachment* da América Latina.

² A Editora Abril foi fundada em 1950, por Victor Civita. *O Pato Donald* foi seu primeiro impresso. Atualmente, a empresa é responsável pela publicação de 18 títulos e faz circular mais de 180 milhões de exemplares.

lho de 2006 e julho de 2014³, escudados na Análise de Discurso (AD), quais são os ditos e silenciados da maior semanária do país (pelo menos em termos de tiragem) sobre temas sindicais. Para tanto, nosso primeiro movimento analítico foi desvendar os sentidos. Separamos, inicialmente, marcas que nos indicam quais são os núcleos de sentidos a que elas conduzem. Cada núcleo ou Família Parafrástica (FP)⁴ é resultado de regularidades de sentidos que se manifestam ao longo do discurso. Nós enumeramos cada FP e destacamos as Sequências Discursivas (SDs)⁵ dispersas nesse material que melhor representam-nas. Ao todo, examinamos 16 SDs. É nessa etapa que apuramos os ditos e não-ditos.

O segundo ato consistiu no tratamento das Formações Discursivas (FDs)⁶ que amparam esse discurso. Dessa provocação é que constatamos como *Veja* disciplina a significação (ORLANDI, 1995) sobre sindicalismo.

³ Cumpre explicitar que este espaço temporal foi definido a partir do nascimento da *Revista do Brasil* – instrumento que aqui não está presente, porém, balizou as análises realizadas na tese de Doutorado. Já o marco final refere-se ao prazo de conclusão do trabalho supracitado.

⁴ Família Parafrástica é aquela que se estabelece por afinidade de sentidos. É quando ocorrem reiterações de sentido no decorrer de Sequências Discursivas.

⁵ Sequência Discursiva é o e fragmento extraído das reportagens que julgamos estar apto para robustecer o sentido das Famílias Parafrásticas.

⁶ Formação Discursiva é concebida por Orlandi (2012a, p. 43) "como aquilo que numa formação ideológica dada, ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que deve ser dito".

2. *Veja* e seus ditos e não-ditos sobre sindicalismo

Deslocamos nosso olhar para o domínio do discurso. É nele, nas relações históricas e ideológicas que ele engendra, que encontraremos respostas para nossas inquietações. Ao desbravarmos os textos selecionados para estruturar nosso *corpus*, detectamos sete FPs. Vamos à compreensão de cada uma delas.

FP1 – Modelo sindical é ultrapassado

A FP1 abarca reiterações de sentido que evidenciam o anacronismo do modelo sindical praticado no Brasil. A revista traz uma série de estratégias para dizer não só como, mas o quanto atrasado é esse sindicalismo.

A triste face no *neopeleguismo* SD01⁷

A atual legislação sindical brasileira, que tem origem no Estado Novo getulista, **está a anos-luz dos mecanismos hoje existentes em países avançados.** SD02

O discurso de *Veja*, voltado à produção de um imaginário obsoleto acerca da forma como se estruturam os sindicatos no país, se dá através de um neologismo. O termo “pelego” se popularizou na década de 1930, quando líderes sindicais ajudavam a garantir o atrelamento de suas entidades ao governo de Getúlio Vargas. Ele voltou à tona durante a Ditadura Militar para designar o dirigente de confiança dos militares. O *neopeleguismo* (SD1) reascende essa memória não só para ratificar a falta de independência dos sindicatos brasileiros, mas para dizer que está

⁷ Todas as Sequências Discursivas serão formatadas com letra menor que a do restante do texto e o fragmento textual que melhor caracteriza seu sentido será marcado em negrito com o intuito de facilitar a observação do leitor.

em curso uma atualização - demarcada pelo sufixo *neo* - dessa postura, que torna o movimento sindical ainda mais arcaico.

Foi, aos olhos de *Veja*, a dinâmica política e social vigente no sindicalismo - desencadeada, indiscutivelmente, depois da chegada de Lula ao poder - que refratou uma nova materialidade linguística. Sob o prisma do discurso, é um enunciado que pode ser de inovação ou de regularização. Seguindo Furlanetto (2008, p. 19), que diz que qualquer neologismo "[...] reflete, dissimuladamente ou não, os valores em expansão ou em retração nas comunidades discursivas", avaliamos que o *neopeleguismo* está, paradoxalmente, para um recuo. Traduzindo: o novo de *Veja* vai ao interdiscurso para robustecer o velho.

É com essa tática discursiva que o enunciador *Veja* vai modalizando (PRADO, 2013) o fenômeno sindical. Sintonizado a uma postura que é também empresarial, ele sabe que precisa projetar no enunciatário repulsa, afastamento de referências que se organizam coletivamente e que, por isso, podem lhe ser causadores de problemas. "O mundo conservador sempre pensa em isolar" (PRADO, 2013, p. 132).

No regime de visibilidade (PRADO, 2013) de *Veja*, os casos exemplares de sindicalismo não são omitidos. Eles comparecem, mas não como uma amostra dissonante. A demonstração de que existe outro jeito de fazer sindicalismo é escoltida por um comparativo que traz a medida do tamanho do retardamento dessa prática no Brasil: *anos-luz* (SD02).

A fala de Rancière (2011, p. 23) pode funcionar como síntese da FP1. "[...] o anacronismo é assim chamado porque o que está em jogo não é apenas um problema de sucessão. Não é um problema horizontal

da ordem dos tempos, mas um problema vertical da ordem do tempo na hierarquia dos seres". Ainda que o autor desenvolva seu estudo a partir da *verdade do historiador* acreditamos não cometer nenhum ultraje científico ao transferi-lo à *verdade do jornalismo*. O anacronismo sindical em *Veja* não é uma questão cronológica dos fatos, é alegação de que esse modelo (que ela convencionou como defasado) não pode existir nessa data.

Toda a complexidade e ambiguidade social – e aí não somente do sindicalismo, é o que testifica Prado (2013, p. 122) – é comprimida nas soluções discursivas apresentadas pelo veículo. “[...] há vários caminhos a percorrer e um só é o de *Veja* e o de seu leitor [...]”. Ou seja, há várias direções em tempo, mas é aquela que a “bússola” de *Veja* está a indicar que o leitor deve seguir.

FP2 – Sindicalismo está desvirtuado

Na FP2 deparamo-nos com marcas que “informam” porque sindicatos de trabalhadores vêm caindo em descrédito.

O PDT, a Força Sindical e o Ministério do Trabalho **se converteram numa central única de interesses. SD03**

O sentido, nesta SD, converge para o desvirtuamento da atuação sindical. Esse desvio é materializado no discurso à custa da aliança estabelecida entre sindicato (central sindical), Ministério do Trabalho e partido político. Mesmo que não haja nenhuma novidade na relação sindicato-partido (ela existe desde que os sindicatos surgiram no Brasil), *Veja* a resgata com o objetivo de fazer com que as instituições sindicais e o MT capitalizem toda hostilidade e

aversão que os partidos políticos têm atraído para si, fundamentalmente, aqueles que deixaram de lado as clivagens de classe que lhe deram origem para se dedicarem ao poder. Na SD03, inclusive, a revista provoca um deslize de sentido: o dizer *central única de interesses* convoca a pensar não só a Força Sindical, o PDT e o Ministério do Trabalho em relação a outros dizeres – oportunistas –, mas a Central Única dos Trabalhadores (CUT) também.

O constructo discursivo representacional que o sindicalismo (essencialmente, o de influência cutista) e o PT urdiram para si sofre mutações discursivas na revista *Veja* pelos pactos políticos e ideológicos que a regem, mas ele é, igualmente, vítima dos interdiscursos que sustentaram suas antigas representações e que nesse plano político – de protagonismo do PT – aflora como um espelho. Esse espelho desloca a imagem de um e de outro (PT e sindicalismo) e os regula com outra representação. A que a revista da Abril tem edificado vem acoplada de algo parecido com um retrovisor discursivo, que a todo momento coloca em xeque as representações feitas no passado.

FP3 – Greves, protestos e ações sindicais são ilegítimas

Na FP3 os sentidos buscam rebaixar ações grevistas e reivindicatórias. O teor depreciativo perpassa o discurso de *Veja* e se dissemina em diferentes traços. No recorte a seguir, ele notabiliza uma matemática que serve para confirmar a improcedência da greve da USP.

Quem observa de fora pode ter a impressão de que o movimento instalou o caos na maior instituição de ensino superior do país. **Mas é só ir ao câmpus da USP**

em São Paulo para descobrir que o cotidiano lá pouco mudou. A maior parte dos 86.000 alunos e 5.400 professores continua frequentando aulas e ensinando. Além disso, uma parcela expressiva dos 15.500 funcionários – 30% do total – desempenha suas tarefas normalmente. [...] As maiores assembleias feitas pelos grevistas não reuniram mais que 2% dos alunos, 5% dos professores e 3% dos funcionários. SD04

Os números funcionam no discurso jornalístico como potencializadores do efeito de autenticidade. Eles didatizam o contexto em que estão inseridos e carregam uma qualidade científica. Estão embrulhados no interdiscurso pela velha máxima “os números não mentem”. Operam como avalistas da ausência de ambiguidade.

Entre os outros argumentos trazidos por *Veja* para desqualificar eventos de natureza contestatória estão as pautas pelas quais se reivindica. Qualquer motivação soa no discurso como propaganda política.

A razão para a indignação dos sindicalistas também surpreende: eles protestavam contra o novo currículo escolar produzido pela Secretaria Estadual de Educação. SD05

O novo (SD05) está rodeado, no interdiscurso, de sentidos positivos. Ele é moderno, próspero. Só deixa de ser para os *sindicalistas* – e é isso que está nas sub-jacências do discurso da revista – porque tem como autor o governo de São Paulo (*Secretaria Estadual de Educação*). Ou, por outro viés: as rixas políticas (e partidárias) – por isso, a irônica sensação de *surpresa* da semanária - entre sindicato e governo sobrepõem-se ao futuro da educação.

Essa SD promove um fenômeno discursivo que, apadrinhados por Orlandi (1995, p. 39), podemos chamar de “política do mais do mesmo”. “O silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras”. É nessa “política do mais do mesmo” que *Veja* continua a enfatizar o caráter espúrio desse tipo de acontecimento sindical.

Desta vez, são os “intrusos” que estruturam sua gestão de silenciamento das causas (outras, que não as escolhidas por *Veja*) que podem levar a esses confrontos. É com Orlandi (1995, p. 33) que assimilamos que o silêncio é o estado primeiro da palavra. Ele não é o “fundo” - como dissipa o senso comum, posição “[...] sustentada pela ciência [...]”. Ele é a figura, é a matéria do processo de significação.

Como em geral acontece nas universidades públicas, ***a greve da USP é restrita a grupos de representatividade limitada, ligados à esquerda radical***, que disfarçam suas reivindicações muito particulares com a roupagem do interesse geral. **SD06**

Comercializada como uma autêntica representação jornalística, *Veja* pratica discursivamente aquilo que Prado (2013, p. 25) cognomina de fascismo social. As pessoas que não são parte direta de determinada ação acabam destituídas do seu lugar de sujeito. “Quando por alguma razão se tornam visíveis, é iniciada uma ação de expulsão ou recusa”. Com sua *autoridade demarcatória* (PRADO, 2013), a revista retirou o direito deste “outro” de interatuar naquele acontecimento.

O modelo de enunciação de *Veja* ainda autentica a FP3 a partir do prejuízo.

Greves do setor público *pioram ainda mais a competitividade do Brasil* SD07

Piora, este é um dos vocábulos que persistem a relatar rituais grevistas. Persistem, porque ao analisarmos a produção de sentidos sobre o movimento grevista da década de 1980, num jornal do interior do Rio Grande do Sul, *Gazeta do Sul*⁸, detectamos a mesma fórmula. Tanto o acontecimento greve, como seus personagens, são inseridos no espaço cênico informativo de *Veja* se condicionados à memória da perda.

Aquilo que para a classe trabalhadora representa o cume da resistência, para *Veja* é um problema primitivo, com as mesmas feições – pelo menos, discursivas – de quase quarenta anos atrás⁹. Resistência, na linguagem da revista, é discurso que serve para descrever situações de heroísmo.

O rito grevista, quando pensado nas referências dadas pelo sistema capitalista (*Veja* é um dos artefatos responsáveis por fazer tal “mediação”) se torna incompreensível (ORLANDI, 2012b) e faz explodir sentidos que estão na base da produção da ilegalidade, da delinquência. Todavia, fora desses parâmetros, a greve é uma forma de fazer com que o sujeito trabalhador, sindicalista transponha a condição – que lhe é decretada – de apagamento de seu eu social.

⁸ *Braços cruzados: o discurso do jornal Gazeta do Sul sobre o movimento grevista da década de 1980.* (SCHUSTER, 2011).

⁹ O comparativo se dá com a análise que empreendemos na dissertação, que analisou as greves no discurso jornalístico da década de 1980.

Em vista disso, pouco adianta *Veja* jogar a decisão para o enunciador, de que juízo fazer de uma paralisação (como faz abaixo), quando constrói um protocolo de sentidos pré-dispostos a denegri-la.

Greve ou férias? SD08

Mais recentemente, Lula dirigiu novas farpas aos grevistas. **“Greve é guerra, não férias.** Eu tinha coragem de entrar na greve e tinha coragem de terminar a greve”. **SD09**

Se greve é guerra (SD09) somos nós quem perguntamos: que outras razões precisa o interlocutor para responder a indagação de *Veja* (SD08)? De acordo com Orlandi (2012a), esse expediente – do questionamento – é apontado como antecipação. Trata-se de uma estratégia discursiva que regula o processo de argumentação, buscando impor seus efeitos sobre o leitor. Assim, para colocá-lo numa posição de decisão, *Veja* precisa envolvê-lo de maneira tal que sua possibilidade crítica seja anulada. Ao adiantar-se na constituição dos sentidos que suas palavras produzem, ela termina por engajá-lo numa mesma vibração política/discursiva.

A FP3 deixa exposto o lugar de onde *Veja* faz suas projeções enunciativas: um lugar onde reinam os ditames neoliberais, em que, como pleiteia Boaventura de Sousa Santos (1999, p. 205) a cidadania civil e política encerram-se no voto.

FP4 – Sindicalistas e seus pares são da pior espécie

A FP4 é a que engloba o maior número de marcas discursivas. São poucos os textos, em nosso cor-

pus, que não contêm seus vestígios. Face a tal profusão, elencamos alguns dos enunciados que julgamos ser os que melhor corroboram a sua materialidade.

Eles já estão, quase todos, ***aninhados no bolso do governo***. SD10

Radicais do PT criam o MST das fábricas e usam o dinheiro das empresas ocupadas em proveito próprio SD11

Nos termos de Charaudeau (2012), o acontecimento, em seu estado “bruto”, requer que um olhar sobre ele seja lançado para que signifique. O discurso jornalístico, ao falar de uma realidade empírica compósita, envelopa suas palavras em códigos de inteligibilidade que estão afinados a valores divididos por diferentes grupos sociais. Transferindo este raciocínio para cá, estamos querendo dizer que os sindicalistas não nascem ou despontam como sujeitos abjetos, extremos (*radicais* – SD11). É *Veja* quem os batiza discursivamente.

Os sentidos sobre os sindicalistas, na voz do veículo, cedem, nitidamente, às pressões econômicas e a uma formação discursiva neoliberal¹⁰. Começando pelo funcionamento da memória que *Veja* faz trabalhar ao recuperar o sujeito político para discursivizar o sindicalista. Ela alinha-se ao interdiscurso de imoralidade ética, que está cristalizado para a classe política.

O imaginário que a revista oferece aos seus leitores acerca deste ente social é monolítico. As configurações identitárias, seja de cada categoria, seja de cada central sindical, são rasuradas, divulgadas,

¹⁰ Logo mais trataremos da FD a qual *Veja* se filia.

sob o “regime da *impressão de liberdade*” (ORLANDI, 2012c) como uma “coisa” só.

A identidade do sindicalista é textualizada - salvo poucas exceções - sob a égide da denúncia. As estruturas narrativas são postas a revalidar não só o quanto estes sujeitos são responsáveis pelos reveses do desenvolvimento econômico, mas a forma criminosa com que o fazem.

O assalto ao caixa da empresa foi feito de diversas formas. Foram contratados 28 petistas, entre eles líderes estudantis, agricultores e um garçom, ligados à Esquerda Marxista. **Um sitiante, presidente do Sindicato Rural de Araquari**, cidade próxima, foi empregado como auxiliar administrativo em 2003 ganhando 1.690 reais. **SD12**

O efeito de sentido desta SD é a instauração da política do medo. Uma vez mais, já que esse efeito, ora e outra, atravessa as demais FPs. Asseveram Freire Filho e Marques (2008) que o medo é uma condição psicológica que paralisa a conduta social, uma *mol-dura afetiva* e um *idioma cultural* que rearranjam a vida em comunidade. Uma de suas sequelas – relacionam os autores – é a promoção de novos padrões de sociabilidade urbana.

Ao associar sindicalistas a este entorno discursivo – da transgressão, da contravenção – Veja divorcia-os de sentidos que no interdiscurso estão para a malandragem (*peleguismo* – como a própria revista inscreve) e passa a ressignificá-los com referências típicas da marginalidade. Nesse compasso, faz emergir uma voz, tal qual aquela voz imaginária que nos divide esporadicamente, entre o certo e o errado: são eles os verdadeiros facínoras do capitalismo, que

roubam (SD12). O recado, que não está nas entrelinhas, e sim nas linhas impregnadas de pânico, é: “fique na sua” porque o próximo a ser sacrificado pode ser você. É o apelo ao individualismo, tão alardeado na modernidade líquida de Bauman (2001), com outro verniz semântico.

FP5 - Violência e agressividade imperam no sindicalismo

A FP5 funciona como um desdobramento da FP4. Os sentidos introduzem um panorama de pavor. A selvageria e a quase bestialidade circunscritas às ações sindicais auxiliam Veja a desnudar o mundo sindical para seus leitores. Por sinal, esse parece ser o formato padrão de fazer com que ele caiba no seu discurso.

“Se alguém era contra, **ia direto para o paredão**. Todos tínhamos medo de demissão”, diz José Nazareno de Oliveira, 47 anos, técnico em eletromecânica na Cipla. Mais de 230 empregados foram demitidos durante a ocupação, a maioria por razões políticas. No auge da tensão, **os dirigentes ordenaram a fabricação de quarenta cassetetes de madeira e manoplas de plástico. Aulas de artes marciais começaram a ser ministradas para um grupo seleto de jovens.** SD13

As considerações de Medeiros (2012, p. 101) nos são bastante produtivas para pensarmos a FP5. Para a autora, no senso comum, a violência é tratada de três formas:

[...] ameaça à convivência pública, no sentido de corromper ou impedir o cumprimento das diretrizes constitucionais de nossa sociedade; quanto como uma semente de rearticulação sociopolítica e cultural, ou seja, como expressão limite de conflitos culturais dinâmicos que assolam o mundo; ou ainda, como uma tentativa de superação da exclusão social.

As insurreições sindicais são, comumente, enquadradas na primeira – mesmo que greve e manifestações sejam direitos garantidos constitucionalmente – e na última alternativas. As materialidades significantes são entabuladas a partir de roteiros espetacularizados. A versão por *Veja* criada para esses episódios é (re)produzida a partir do *modus operandi* de guerras, revoltas, rebeliões, batalhas, quase épicas, cujo melhor exemplo está dado na SD13.

São esses discursos-outros, que vêm via memória discursiva, e se corporificam como pré-construídos que vão “propagar” discursivamente acontecimentos sindicais. Esse pré-construído fornece os objetos – que na revista se apresentam como diferentes modelos de combate – de que o sujeito-enunciador se apropria para nortear o seu discurso.

Imbuída de fazer ver o sindicalismo como prática truculenta, bárbara, selvagem, o veículo, mais que calar diante da multiplicidade de sentidos possíveis para nomear e dizer da realidade sindical (como alertamos há pouco), priva seu leitor do conhecimento de que exista algo que fuja das situações narrativizadas.

É na “guerra da intolerância”, se acompanharmos Medeiros (2012), que o discurso de *Veja* – e agora não fazemos menção exclusivamente à FP5 – vai resultar. Como ameaça as suas convenções (políticas, editoriais), o sindicalismo não pode ser consentido, salvo duas concessões¹¹. O sujeito sindicalista, por não ser como o seu semelhante, o outro trabalhador da fábrica/empresa/repartição pública que se resigna diante das investidas patronais, deve ser distanciado. Para tanto, não é preciso dizer, declaradamente, que

¹¹ Daremos importância a estas “concessões” na sequência do trabalho.

sindicatos e sindicalistas impedem a expansão de lucros, são um empecilho para o capital. As construções ideológicas são camufladas por discursos que fazem sentido pela errância moral e ética.

É a partir desta “receita” discursiva, corroborada pelas últimas SDs, que um dos produtos midiáticos mais relevantes da indústria editorial brasileira criou um imaginário sindical. Até aqui, todos os mapas identitários acerca deste movimento representaram o sindicalismo como “pelego”, como “vendido”, como “criminoso”.

Há, todavia, duas formas de sindicalismo assentidas pela revista. Acompanhamos.

FP6 – Sindicalismo em outros países é melhor

A FP6 aglomera marcas que demonstram haver uma modalidade de atividade sindical diferente da brasileira, mais apropriada, segundo padrões exigidos pelas economias modernas e globalizadas (SD14).

Pela proposta de reforma, os sindicatos deixariam de ser financiados pelo governo e passariam a se sustentar com a contribuição voluntária de seus próprios filiados, como ocorre nas democracias mais modernas do mundo – e nesse formato, aí, sim, pode-se falar em combate ao sindicalismo pelego. **SD14**

Nos Estados Unidos, há concorrência direta entre os sindicatos. SD15

Norte-americanos (SD15) são citados no discurso como cânones do “bom” sindicalismo. Eles frequentam a narrativa para dar respaldo ao fio condutor (discursivo) da revista, qual seja, de que há uma forma “correta” de fazer sindicalismo, mas bem longe daqui (Brasil). A técnica – de relatar situações díspares

- “[...] jamais [é utilizada] para falar do antagonismo social” (PRADO, 2013, p. 122). Na *Veja* pós-moderna, os exemplos acima funcionam, tão somente, como balizadores do tamanho do atraso do modelo sindical no Brasil (FP1).

Há, na publicação, um ideal de conduta sindical construído a partir de um modo de ser (sindical) estrangeiro. Ou, como podemos assistir no próximo subitem, “mais amigável”.

FP7 – Radicalismo não é a saída para o movimento sindical

Nesta FP há indícios de que o sindicalismo pode redundar em algo favorável para os trabalhadores (inclusive o brasileiro), desde que seja mais permissivo, menos intolerante.

No início da semana passada, sindicalistas e empresários pareciam ter dado um raro exemplo de pragmatismo e serenidade diante do fantasma do desemprego. Depois de uma reunião na sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na tarde de terça-feira 13, a Força Sindical e outros representantes de empregados aceitaram discutir um acordo para reduzir os salários e as horas trabalhadas **(a CUT negou-se a participar)**. SD16

Para o economista Fábio Romão, da LCA Consultores, a renegociação de contratos seria a maneira mais eficiente de preservar o maior número possível de vagas, até que a crise ceda: **“É melhor reduzir os dias de trabalho e investir em qualificação profissional para evitar o desemprego”**. Ex-sindicalista, o presidente Lula tem todas as credenciais para julgar a conveniência dessa proposta. Só não se deve usá-la como forma de coagir o Banco Central. SD17

A qualidade “classista” não pertence ao rol de características euforizadas por *Veja*. Ainda mais diante do *fantasma do desemprego* (SD16). Ela só serve para, outra vez, certificar a condição inflexível de alguns sindicatos e/ou centrais sindicais no Brasil. Aliás, é com uma (aparentemente) inofensiva frase entre parênteses – SD16 – que o enunciador a deixa implícita.

A omissão da CUT não é *peleguismo*, como *Veja* classifica ao contar outro acontecimento. Quando o acordo é *para reduzir os salários e as horas trabalhadas* (SD17), a negativa da central é significada como política do atraso. E para fazer com que esse não-dito faça sentido, *Veja* relembra o fato do ex-presidente Lula ter sido sindicalista (SD17), situação que o fez lutar contra o desemprego.

Todavia, a revista não o invoca por seus dizeres estarem filiados a uma FD que se aproxima daquilo que Daltoé (2011) chama de *FD dos trabalhadores brasileiros*, e sim, pela posição que ocupa naquele momento: a de presidente da República. Nesse espaço discursivo, em que circulam dizeres que são também da ordem patronal, ele se torna importante não só por ter *credenciais de julgar a proposta* de acordo feito entre Fiesp e Força Sindical (SD16) e abonar a sua *conveniência*, mas por lembrar o leitor – pelo não-dito – o quão negligente e incontente é o posicionamento da CUT, entidade que ajudou a fundar.

3. *Veja* e os temas sindicais: a lógica do discurso desqualificador, ressaltada pelo discurso transigente

A análise dos sentidos edificados nas reportagens da revista *Veja* que versam sobre sindicalismo seguem quase uma mesma “melodia” discursiva: incriminam todo e qualquer ato ou personagem que estabeleça

vínculo com a causa. As marcas discursivas – entre ditos e silenciados – encontradas nos textos, mais que confessar o atrelamento político-ideológico do veículo, formam um compêndio de aversão para com sindicatos, sindicalistas e suas ações.

Percebemos que essas regularidades de sentido significavam dentro de uma região de sentido, fato que para a AD resume-se no conceito de Formação Discursiva (FD). Nós, a partir desta interpretação conceitual, inferimos que *Veja* centraliza seus dizeres naquilo que chamamos de FD1- Discurso Desqualificador. A FD1 concentra as cinco primeiras Famílias Parafrásticas, as quais reúnem sentidos que inabilitam, reprovam, incapacitam, desprestigiam atores diretamente conectados ao movimento sindical (ou seus próximos) e suas ações. Sob a aba ideológica da FD1, repousam sentidos que, pelo implícito, convalidam a desnecessidade de participação do movimento sindical na paisagem política atual.

Os signos dessa FD coroam a política neoliberal, em que há uma sobrevalorização do individualismo simultânea à depreciação de movimentos coletivos. O jornalismo é meramente denunciasta. Acusa corrupção calcado numa posição moralista, mas sem estabelecer um elo entre este fato e o modo como a política neoliberal se desenvolve.

A brutalidade é mais um dos sentidos que reforça a FD1. Medeiros (2012) repara que a questão – ela se refere à maneira como a mídia adapta os sentidos da violência ao seu discurso – é mais contundente do que a oferta de múltiplas materialidades textuais, disponibilizadas graças às novas tecnologias de linguagem.

Esse poder de interpelação é exercício não apenas porque opera a partir da formação discursiva mercantil, mas, sobretudo, na base da respectiva formação ideológica, a exemplo da ideologia religiosa e da ideologia jurídica que perpetuam não só valores, como também práticas de como se comportar, o que dizer, em que acreditar, que fundamentam os sujeitos e as posições por eles ocupadas (MEDEIROS, 2012, p. 103).

Para dizer daqueles segmentos que se pautam pela promoção, transformação e preservação do bem comum (como é o caso do movimento sindical, sempre numa construção ideal), daqueles que denotam algum tipo de poder decisório sobre processos que afetam uma coletividade, é preciso imergi-los num banho de valores. Valores que, para um enunciador como *Veja*, que amalha suas construções discursivas aquilo que estamos intitulado de FD1 – são orientados por uma classe média que “[...] quer viver entre seus pares, com quem possa competir e demonstrar sua força relativa, numa espécie de fascismo social. E esquecer do outro” (PRADO, 2013, p. 133).

Os sentidos enredados por esta FD, muitas vezes, aparecem reduzidos em narrativas exemplares. Sujeitos são figurativizados – e vinculados a uma série de adjetivos negativos – e convertidos em modelos a não serem seguidos.

À exceção da FD1, reconhecemos em duas outras FPs (FP6 e FP7) um gesto de condescendência da revista, que por nós será nominado de FD2 – Discurso Transigente. Essa FD é absolutamente minoritária, quase residual. Ela congrega sentidos que se aquiescem com o sindicalismo “inovador”, mais “aberto”, comum às economias globalizadas (e não retardada como a brasileira). Os modos de proceder são dúcteis, ma-

leáveis. Tudo que está fora desses padrões é tratado como disforme.

É nessa repetição jornalística que *Veja* vai petrificando um interdiscurso para o sindicalismo. O conhecimento que ela produz – pelo menos acerca do mundo sindical – praticamente ignora a divergência, os valores que não sejam os seus.

Assim, no bojo das duas FDs (FD1 e FD2) concorrem diferentes ações discursivas que, articuladas com as formações ideológicas, nos indicam como *Veja* informa sobre o movimento sindical brasileiro.

Considerações Finais

Nossa análise demonstra o quão estigmatizado é o movimento sindical nas páginas da revista *Veja*. Uma gama de sentidos podem se condensar no gesto de noticiar questões sindicais, mas a publicação reforça uma interpretação inequívoca (quase isso) acerca de sindicatos/sindicalistas. A contradição, própria do acontecimento sindical, só não é por um triz (contemplado pela FD2 e suas duas FPs) amordaçada no veículo da Abril.

Quanto ao “potencial desalienador” (GENRO FILHO, 1987) do jornalismo, que faria avançar numa sociedade sem classes, na *Veja* a regra tende a funcionar às avessas. Como coadjuvante do processo de significação do ser social (quando não protagonista) sua participação – pela maioria dos sentidos que tem concedido aos leitores – se dá na intenção de fazer com que ele afugente-se da sua própria consciência, enquanto sujeito explorado, e siga, passivamente, aceitando as condições dadas.

Por fim, é essa a “reconstituição” que *Veja* propõe a tecer sobre a “realidade” sindical brasileira.

Enquanto isso, uma espécie de “*não-Veja*” segue a funcionar, silenciando para os seus milhões de leitores tantas situações em que as organizações sindicais e seus representados ocupam outros papéis.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

DALTOÉ, Andréia da Silva. **As metáforas de Lula**: a deriva dos sentidos na língua política. 2011. 219p. Tese (Doutorado Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2011.

FURLANETTO, Maria Marta. Formações neológicas e discurso. In: I Simpósio Internacional de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo/SP. **Anais...** São Paulo: USP, 2008.

FREIRE FILHO, João; MARQUES, Carla. Sob o domínio do medo: a construção de *sujeitos temíveis* e de *sujeitos temerosos* na mídia. In: COUTINHO, Eduardo; FREIRE FILHO, João; PAIVA, Raquel (Orgs.). **Mídia e poder**: ideologia, discurso e subjetividade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. p. 81-113.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 1987.

MEDEIROS, Caciane Souza de. Mídia e sociedade: os sentidos da violência e a ideologia da intolerância. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos.; SILVA, Telma Domingues da (Orgs.). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas: Editora RG, 2012. p. 101-116.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012a.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012b.

_____. Sentidos em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: CARROZA, Guilherme; SANTOS, Miriam dos.; SILVA, Telma Domingues da (Orgs.). **Sujeito, sociedade, sentidos**. Campinas: Editora RG, 2012c. p. 11-27.

PRADO, José Luiz Aidar. **Convocações biopolíticas dos dispositivos comunicacionais**. São Paulo: EDUC – FAPESP, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-49.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHUSTER, Patrícia Regina. **Braços cruzados: o discurso do jornal Gazeta do Sul sobre o movimento grevista da década de 1980**. 2011. 199f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, 2011.